

Colonialismo e Pós-colonialismo: O presente como um enigma.

José Carlos de Paiva, i2ADS/FBAUP

"(...)

Os que permanecem e acenam, não sabem." Paul Celan (Em Viagem, 1952)

00. agradecimento público

Este texto é escrito no reconhecimento do quanto Ana Mae Barbosa acrescentou ao esclarecimento da veemente força da educação artística na difusão da irreverência da arte, na escola, na aprendizagem e na construção do singular e do comum.

Considere-se, assim, este texto como um singelo e pessoal agradecimento público, de aprendiz, pelo que sua ação, pela sua determinação na luta face ao *mundo fracassado* em que vivemos, pela sua simpatia e dádiva ao social, por tudo o que me proporcionou.

"Os tempos em que vivemos exigem investimentos e diversificações, coerências e competências sociais e epistemológicas para que cada um seja construcional de sua 'personalidade' colectivizada e que se conheça para que possa, nos Outros e nas Coisas, se reconhecer, quer nas similitudes, quer nas diferenças e/ou nas divergências. BARBOSA (2008:36)

01. viajar é preciso ...

Desloco-me frequentemente para os outros lados do mar, num percurso que transporta, inevitavelmente, o peso secular deste movimento repetidamente realizado ao longo dos séculos por fins diversos e em conflito, por comerciantes e trifulhas, navegadores e aventureiros, missionários e senhores, escravos e emigrantes, ilustres conhecidos e os sem-nome, gentes de bem e de mal.

Não me cansa esta demanda incessante de procura de modos diferenciados de me entender mais pleno, por deslocado de mim, retirado do conforto simulado que habito nesta desgastada Europa, para o confronto com o que me é possibilitado, para o modo como me completo nestas deslocações, no enriquecimento que a diferença e um outro/mesmo me apresentam e me possibilitam. Não se procura um lugar do esquecimento, mas de evidência do fracasso espalhado pela paisagem contemporânea e da procura de um otimismo activista, sempre possível.

"Toda a nossa história pensou e se pensou 'após a tragédia', seja para despedir a dita 'tragédia', seja ao contrário para lamentá-la e para tentar reencontrar-lhe a verdade. Seguramente, devemos dizer igualmente que assim como a tragédia a cidade pertence à mesma lógica e à mesma cronologia do 'após'. Contudo, a chamada democracia nos parece

ainda, para o bem ou para o mal, representar um passo ganho sobre um passado sombrio e uma promessa de futuro, por mais que seja ainda necessário um esforço para tornar a dita democracia digna de futuro." NANCY (2013)

O mundo ocidental, no século XXI, desapareceu como promotor do desenvolvimento, e enquanto referência de um sistema político democrático, esperança de um mundo progressivamente mais equilibrado e 'melhor'. Esta mudança dá-se em resultado do seu próprio fracasso, ainda que dissimulado, gerado na ganância que produziu um sistema global onde o 'mundo financeiro', escondido e incógnito, comanda, move governos e dita políticas, e irresponsavelmente desloca para fora de si as medidas-necessárias para superar os cataclismos financeiros por eles próprios criados.

"Na era da designada globalização, numa era em que é do interesse de algumas pessoas falar sobre a globalização e celebrar os seus benefícios, provavelmente nunca na história da humanidade foram tão grandes e tão espectaculares (porque o espectáculo é de facto mais facilmente 'globalizável') as disparidades entre as sociedades humanas, as desigualdades sociais e económicas." BORRADORI (2003: 196).

Os resultados são medidos na dimensão desmesurada dos excluídos, dos sem-emprego-e-sem-esperança, dos refugiados sem-espaço-e-sem-água, dos resíduos-sem-nome-e-sem-terra, dos novos-remediados sem esperança. São indicadores desesperantes para quem desacredita na inevitabilidade do que é mostrado e constrói a sua percepção crítica perante as representações dominantes que mistificam a realidade e lhes contrapõe a argúcia do pensamento livre e a prática agonística, e para quem não se cansa de lutar por uma possibilidade de haver um *aberto* regenerador, instituinte de diferença partilhada no comum, no tempo que *há-de vir*.

"Era nem mais nem menos esta esperança de uma transformação do estado, de uma nova forma de governo que viesse a permitir a cada membro da moderna sociedade igualitária tornar-se um 'participante' nos assuntos públicos, que foi enterrada nos fracassos das revoluções do século XX." ARENDT (1965:257)

Reconhecida hoje com facilidade a fragilidade da democracia e da liberdade, em particular por sectores que assumem um pensamento crítico face à atualidade paradoxal onde mergulhamos, não se desenharam ainda movimentos congregadores que contraponham ao exercício da crítica a acção oposicionista que determinem um 'comum' onde se inscrevam os pobres e os 'precários', os excluídos e os 'indignados', também os saberes fundados na filosofia europeia e na cultura anticolonial, nas epistemologias do Sul e no '*occupy*', nas Primaveras acontecidas e por vir. Nenhuma procura de solução de simplicidade se espera, mas o enfrentamento otimista do caso e do caos, como se de um enigma se tratasse. Um enigma que procure entender a natureza do fracasso que a história do presente encerra, avivando na memória o que terá de nos apoquentar em contínuo: a recusa do esquecimento, das guerras mundiais e do Holocausto, de Hiroshima, da destruição do equilíbrio ecológico, da devastação da individualização, do logro da guerra do Iraque e do embuste da Síria, das interferências constantes dos poderosos na vida de demasiados povos, do encolhimento da terra da Palestina, dos golpes de Estado, e por aí fora.

"(...) o enigma é coincidência de contrários, concatenação de opostos, contato de divergentes e também contrariedade de coincidentes, oposição de concatenados, divergência de coisas que estão em contato entre si." PERNIOLA (1990: 40)

Reconhece-se, no sublinhar do conceito de **enigma**, a recusa do uso do segredo como arma de chantagem, tornando obscuro, escondido e secreto o que é mostrado e difundido, num esforço de tornar o seu sentido profundo impenetrável. Entende-se que a produção de pensamento, a procura de discernimento sobre a encruzilhada dos tempos e a complexidade do atual, não está na revelação de um segredo, mesmo se desdobrando a sua clarificação, mas na busca de explicação. " ... o conhecimento não é simplesmente a revelação de um segredo, nem a iluminação de algo obscuro, nem, enfim, a exposição de um conceito dado a priori, mas o estender, o deslindar, o exprimir algo que está embrulhado, envolto, recolhido." PERNIOLA (1990: 24)

Um enigma provocando um movimento de pensamento sobre o que nos escapa e de acção radical que reinvente a nossa grandeza e a nossa dignidade, que reanime e renove as lutas de sempre pelo *comum*. Entender o presente como um enigma é reconhecer a urgência na sua interpretação, é buscar o sentido que o passado lhe configura, é procurar o esclarecimento e a acção que o alimenta, que o redimensione num movimento persistente, continuado, mesmo se sabendo-o sem fim.

02. o fracasso como conceito

O meu impulso para a viagem nada prolonga ou se alimenta de uma atitude *flanner* modernista, ou corresponde ao desejo turístico de procurar a diferença e o exótico, nem sequer a um movimento de avidez por uma qualquer globalidade ou desterritorialização, mas singularmente a uma atitude de busca de entendimento do sentimento de fracasso que o mundo ocidental origina e incrustou em mim.

O fracasso que integra a atualidade, dissimulado mas visível e obscuro, decorre de modo diferenciado em geografias onde o percurso histórico se foi diferenciando, quer onde a independência e a auto-determinação dos povos conseguida no decurso do século XX resultaram em cópias-apressadas das formas de governo do mundo ocidental, desajustadas à sua própria complexidade e história, quer, noutro sentido, onde se procuraram, e ainda se procuram, vias próprias, num caminho que se entreluz com posturas agonísticas face aos valores hegemónicos do velho-mundo-ocidental.

A diversidade experienciada, certamente insuficiente, complexa e contraditória mas vivenciada e produtora de realidade, em particular em alguns países da América Latina, de África e do Oriente, emana a potência da radicalidade que contrapõe ao poder hegemónico do capitalismo globalizado, colonizador por ideologia, possibilidades de um outro pulsar democrático e do exercício conquistador de liberdade.

"(...) Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada." Álvaro de Campos (Tabacaria, 1928)

A utilização neste texto do termo **fracasso**, que agora se sublinha, deve ser lido como um

conceito que verifica o descarrilamento dos sucessos sociais desejados desde a fundação da *polis* na Época Clássica da história ocidental. Progressismo social anunciado como previsível desde o Iluminismo, integrante das revoluções, das vitórias Constitucionais, e dos processos de independência dos Países em territórios anteriormente colonizados. Os anseios positivos criados e alimentados, redundaram num estrondoso malogro perante o poder hegemónico da ganância dos que determinam o mundo financeiro e a economia globalizada, desmembrando o equilíbrio desejado, produzindo ruínas e gerando um vazio silencioso. Ruínas que nos cercam e sufocam o ar que se respira no presente.

"A guerra matou 470 mil pessoas neste país nos últimos cinco anos. Repetimos: 470 mil pessoas. Insistimos: 470 mil pessoas. Persistimos: 470 mil pessoas. Há países com menos população que 470 mil." BENTO (2016)

A evocação do fracasso como conceito, afasta-o das referências ao desenvolvimento do fracasso no campo das procuras de eficácia do mundo empresarial, bem como das ligadas ao insucesso escolar e à exclusão social, mas mobiliza num sentido mais filosófico o regresso da ideologia, onde se pretende entendê-lo no terreno do político, onde se funde o pensamento com a acção. E assim, enquanto uma falha ruinosa que torna evidente a percepção do vazio provocado pelo capitalismo e pelos dispositivos de regulação que lhe são próprios e convoca um movimento de superação, um desejo de o entender e evidenciar como propulsor de modos renovados de superação.

A ilusão prolongada, em demasiadas situações, da tentativa de atenuação dos exageros que se cometem sem nenhum pudor pelo poder hegemónico, desgastam demasiado e provocam o amolecimento crítico. Mesmo a simulação de interferência que o próprio sistema consente no seio dos dispositivos de poder formados para a reprodução e revitalização do sistema político estabelecido, embora desenvolvam posturas críticas vigorosas e uma militância arguta, apenas as esgota, dificultando a compreensão da necessidade de determinar uma atitude de inscrição agonística ao discurso crítico e uma acção de oposição radical que reconhecendo o esgotamento da política e da ideologia com que o capitalismo sufoca o otimismo, persistem na criação de perspectivas populares de possibilitar um outro exercício do comum.

Capitalismo e colonialismo, são sinónimos de sistemas de legitimação do poder de minorias escondidas e impedimento de se desenhar uma possibilidade de uma ainda desconhecida democracia radical, que possibilite um comum onde o ser se exercita como ser-comum.

03. o mundo como fracasso

São tempos complexos e difíceis os deste início do século XXI, tempos múltiplos e encruzilhados que obrigam a uma especial atenção, escuta e paragem perante o enigma colocado a quem reconhece o fracasso do existente e tenta ver o escondido. Momentos de necessidade de agir ao encontro de uma acção esclarecedora, à mobilização de uma disponibilidade plena do corpo e do juízo, perante o que parece distante, o que se apresenta como distinto e que se sabe desconhecido.

Onde quer que se esteja, estaremos residentes neste mesmo tempo de encruzilhada, perante o

despudor e os horrores das desgraças longínquas, dos êxitos das estrelas e das façanhas impressionantes dos nossos artistas, dos sorrisos-falsos-da-tv, dos Golpes e das golpadas corruptas, das falsidades e dos populismos dos políticos-profissionais marionetes de interesses e zeladores dos seus interesses, das procuras em Marte, do deslumbre da tecnologia, estaremos todos remetidos a um espaço, que se expande desfronteirizando, mas igualmente simultâneo.

Poderemos, no entanto, estar empenhados em discernir o que nos é escondido, o outro lado do que nos dizem os 'especialistas', a recusa da inevitabilidade anunciada deste sistema globalizado, a mentira da apresentada capacidade de auto-ajustamento da maldade e dos exageros. Poderemos até querer entender uma língua que desconhecemos, colocar os saberes adquiridos em suspensão, revelar a infância que tudo sabe ter de aprender, e sabe ter de ousar inventar.

"Repetir, repetir — até ficar diferente. / Repetir é um dom do estilo." Manoel de Barros (2011)

Busca-se a possibilidade de ter desejos genuinamente pessoais e interesses próprios, isolados dos discursos do 'mercantilismo do consumo globalizado' e resistentes aos 'dispositivos de regulação', reclama-se o direito à improvisação, à plenitude da partilha, a fuga à repetição do mesmo, forja-se uma capacidade de resposta e de convite à resignação.

04. movimento intercultural

As viagens são movimento, enfrentamento do enigma, consciência de uma ignorância que, só ela, pode permitir a invenção, o desenho improvisado de possibilidades de um outro comum, não excludente mas popular, aberto e agonístico. Segue-se aqui o caminho dos que conferem ao conhecimento a dimensão da consciência do seu limite face à sedução pelo poder assumir o saber como um poder que prende a descoberta, tolhe o imprevisto, limita o enfrentamento do enigma, como se de um desafio se tratasse, como uma infância. E provavelmente, assim, rota do encontro, da dádiva e da partilha.

"(...) errante é o que não se conforma com um estado de coisas ou alguém para quem as coisas não têm estado fixo, mas que busca interromper e tornar impossível a continuidade do que está sendo (...)" KOHAN (2013: 60)

Entenda-se a viagem aqui evocada enquanto a que exige a dúvida do adquirido, a suspensão do poder que o conhecimento pode conferir e que gera o medo estéril do errar, retirando à viagem a errância e a autenticidade do 'não se saber onde chegar'. A viagem oposicionista ao móbil colonizador, como um enigma propiciador de aprendizagens partilhadas, de procura de cumplicidade entre iguais de subjetividades múltiplas.

Nas viagens que faço para fora de mim, me entendo melhor e adquire otimismo perante os desafios que são oferecidos. Assim me perdi no olhar sem fim que as montanhas do Planalto Norte oferecem, na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, compreendendo no seu silêncio o sentido da teimosia dos pastores que habitam aquela terra árida e sem água, a perseverança com que lidam com o infortúnio das suas vidas e a abnegação que alimenta sua entrega colectiva e lenta a possibilidades desconhecidas, mas tentadas insistentemente, dia a dia, na

partilha do comum.

Tudo o que eu pudesse acrescentar seria apenas um prolongamento do meu próprio processo de (re)aprendizagem da viagem como poesia. E resume-se numa frase: estou a reaprender a lentidão. BARRENTO (2001: 77)

Vivi com a intimidade de militante anti-colonial a luta de libertação da Guiné Bissau durante o período da ditadura portuguesa, integrando o exército colonial, numa situação complexa de ambivalência que me permitiu uma aproximação privilegiada com as fragilidades políticas de ocupação militar a sua arrogância racista e deprecadora, com a crescente e conseqüente luta pela independência e reconhecer a sabedoria política de valorização da cultura e da educação dos militantes do PAIGC.

"(...) Um desses muitos quartéis que os colonialistas portugueses foram pródigos em espalhar pelo país, geralmente cercados de arame farpado, com minas em torno, e dentro dos quais se foram tornando, cada vez mais, prisioneiros de si mesmos." FREIRE (1977: 60)

Tornei-me cúmplice das lutas pela dignidade da identidade negra e quilombola, pela posse colectiva da terra da comunidade de Conceição das Crioulas, no sertão pernambucano e só aí aprendi o sentido profundo e a dimensão de grandeza que o político confere a um 'projecto político pedagógico', ao 'ensino diferenciado' e ao 'papel' da educação artística. Nessa aridez da terra seca e nos abraços quentes de sua gente reconheci a riqueza dos paladares do mundo, os sabores do Munguzá e os temperos da escrita de João Guimarães Rosa, "As coisas mudam no devagar depressa dos tempos." (Grande Sertão: Veredas, Rio, 1986).

Entranhei-me na dificuldade em dimensionar a educação artística em Moçambique, partilhando atos e conversas entre os estudantes, professores, artistas e ministérios, sabendo do erro que a tentativa de deslocar soluções usadas no Ocidente de nada serviriam e que a cultura rica e latente se esvai nessa caminhada. "A cultura africana não é única mas uma rede multicultural em contínua construção. Os teóricos e analistas afligem-se com esta indefinição." Mia Couto (Pensatempos, 2005)

"Para o movimento é preciso aprender a reinventar as relações de comunicação inter-humanas e ele busca uma forma de arte baseada num compromisso político, de carácter supranacional e que proponha uma visão alternativa de mundo, uma concepção de arte liberta da circulação mercantil e do consumo dos museus e instituições oficiais e que tenha seu objetivo próximo fundamentado no debate em torno dos problemas de uma comunidade." ZACCARA (2016: 60)

05. Identidades, movimento intercultural

Anos e anos de viagem, sem fadiga, na companhia de 'meus' estudantes, de professores e artistas, por geografias variadas em busca de um mais amplo conhecimento de nós próprios, do modo como nos relacionamos com o que nos cerca, de procura de questionamento e de extensão do que sabemos. Reconhecimento do próprio corpo expandido para os seus limites pelo confronto com a diferença e com o próprio desempenho.

O Movimento Intercultural (IDENTIDADES) reconhece a tentação das práticas coloniais, por isso se afunda num esforço de atenção e de reflexão, permanente e simultânea com o seu decurso,

medindo a intensidade da capacidade de partilhar o **conhecer** do outro, enquanto um outro e um mesmo. Saber olhar os olhos que nos fitam e procurar entender o que vai neles, diluindo para um comum a circunstância vivida.

Saber a necessidade de se aguardar o estabelecimento da **confiança** entre os pares, condição que só a partilha forja e testemunha, para a partir daí se estabelecer a **cumplicidade**, plano que exercita a democracia e permite a invenção conjunta.

"Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio" FREIRE, (2000: 121)

A liberdade, ensina-nos Freire, tem de ser entendida face às ofensivas opressoras que a negam, como um movimento resiliente de enfrentamento oposicionista dos mecanismos que os dispositivos de poder edificam e que hoje, como sabemos, adquirem uma megapotência onde a manipulação da informação, o exercício dos 'designers de opinião', a demagogia populista, a sedução burguesa, o conforto propagandeado, o mito da insegurança, a mentira descarada e repetida incessantemente, nos manipulam e nos movem para papéis que, a maioria das vezes, nem sequer imaginamos estar a desempenhar.

As práticas interculturais, anticolonialistas e anticapitalistas, que se defendem aqui como efectividade das viagens em procura de outras possibilidades de se encontrar um modo esclarecido de interferência neste *mundo fracassado*, só adquirem o sentido agonístico e oposicionista contra o regime hegemónico (que independentemente da designação que o classifique mantém sempre sua vinculação ao capitalismo, e às intenções colonizadoras), se estabelecidas num plano de **cumplicidade** entre iguais, escavadores incansáveis em busca de um comum, depositários de uma **confiança** partilhada, permitida pelo **conhecimento** do que cada um é e do seu comum, que apenas a escuta do outro, como um mesmo, a autoriza.

"Ao desaparecer a descontração, perde-se o 'dom da escuta' e desaparece a 'comunidade capaz de escutar'. Essa comunidade está nos antípodas da nossa sociedade ativa. O 'dom da escuta' assenta precisamente na capacidade de prestar atenção profunda e contemplativa, capacidade vedada ao ego hiperativo dos nossos dias." HAN (2010: 27)

06. a universidade como fracasso

A universidade, também ela fundada como um lugar do conhecimento restrito, embora se tenha democratizado, laicizado e tornada de serviço público, se transformou num dispositivo ordenador, empenhada em ensinar e investigar a partir dos valores hegemónicos, alimentando os saberes adquiridos e educando os futuros trabalhadores especializados perante as necessidades do sistema, sem lhe vincular o dever de cidadania crítico que poderia fomentar a divergência e o devaneio criativo sobre um mundo onde o fracasso, se torna a cada dia mais exposto. Neste *mundo em fracasso* também a universidade fracassa.

"Afinal de contas, a especificidade da universidade moderna que os idealistas alemães fundaram consistia no seu estatuto de lugar de crítica. Como disse Fichte, a universidade existe não para ensinar (transmitir informação), mas para inculcar

o exercício do juízo crítico." READINGS (1996: 16)

A formação do Movimento Intercultural IDENTIDADES no seio da Universidade do Porto, cedo se viu levado para um espaço de acção autónoma, onde os propósitos se expandissem a partir das dinâmicas por ele próprio criadas. Construiu-se assim um colectivo de estudantes, professores e artistas que transportaram para um espaço auto-gerido os questionamentos que no interior da universidade não adquiriam a dimensão que lhes era reconhecida pela ação desencadeada, pelas controvérsias enfrentadas, entre a interioridade impregnada de uma cultura eurocêntrica e uma demanda aberta e interrogativa do sentido das próprias vidas dos intervenientes.

"La universidad no es un dato subyacente sino un poder que, como todo poder, se ejerce sobre algo diferente de sí mismo." LACLAU (2008: 38)

Entendendo o campo da arte como um abrigo para o exercício de ações de cumplicidade com as comunidades em volta de suas próprias demandas, suspendendo o exercício do artístico que transportamos da cultura ocidental que nos constitui, para uma entrega neutra de descoberta e de invenção, na construção participada de representações do comum, na revelação dos saberes que o pensar, o fazer, o saber/pensar artístico propiciam, constituem um programa que proporciona a cada um as aprendizagens que cada um é capaz de edificar e ao *movimento* um permanente retorno à sua infância, de busca pelo imprevisto, pela invenção.

06. viajar, sempre

A visibilidade do panorama que o *mundo do fracasso* não consegue iludir, alarga-se para a maior parte da humanidade, atormentada ainda que, por vezes, numa revolta imobilizada. No entanto, muito se deixa ainda adormecer no *charme* que a sociedade de consumo exhibe, e nas opiniões que a 'economia do saber' espalha, na procura da manutenção das regalias que sobram da ganância dos centros financeiros, das simbologias de poder e dos interesses que os cargos públicos oferecem. As ações de revolta, isolam-se e não adquirem espaços de representação que tornem visíveis e reforçadas as ideias que as alimentam. Esta insuficiência de presença agonística significativa em prol de uma democracia radical, resultante da história recente, e dos fracassos das revoluções, dos contratempos e do esgotamento das representações políticas geradas, apenas mostra a urgência de se contrariarem os caminhos de reprodução das relações de poder estabelecidas pelo atual modelo político, na procura de um outro, aberto, em aberto.

"... emancipação é um termo herdado do direito da escravidão e, em seguida, do direito da autoridade paternal. Talvez ele não nos seja mais conveniente. Estamos sem mestres e sem pais. Talvez, seja mais uma questão de inventar, de criar..."
NANCY (2012: 532/3)

O mapa da viagem não está traçado e apresenta os engulhos e tempestades inesperadas, mas a proximidade não é a do seu fim.

"A curto prazo, como já podemos ver, é provável que seja um mundo de incivilidade e violência cada vez maiores. A longo prazo, livres de constrangimentos da forma nação, podemos vir a descobrir que a liberdade cultural e a justiça fundamentada no mundo não pressupõe a existência uniforme e generalizada do estado-nação. Esta possibilidade inquietante poderá ser o mais estimulante dividendo de viver a modernidade sem peias." APPADURAI (1966:

A realidade que a história consagra não regista a complexidade que a institui, por subjugar cada sujeito, no que cada um detém de si, a uma apreensão globalizante. Lembremos os opositores abnegados às ditaduras, os que resistiram sempre, os que ‘desertaram’ dos exércitos e das incorporações, os muitos que recusaram a escravidão, os que procuram no desconhecido, os que não desistem. Meu apelo é de inscrição neste otimismo, num olhar que não fraqueje face ao *fracasso do mundo* em que vivemos.

"É preciso muita coragem para / assumir o medo. / Não é para gabar-me mas tenho medo à farta. / Tenho até uma grande geleira repleta / daquele medo definitivo em / cubos límpidos / que é o medo de perder o / medo algum dia. 21/1/77. João Pedro Grabato Dias (1976/79).

O apelo a uma estado permanente de viagem, devaneio para o desconhecido e para fora do limite de cada um, corresponde a um optimismo consciente do fracasso incorporado em cada um de nós, e no comum. É a presença da dimensão do *fracasso* do mundo, das instituições promotoras de democracia e de conhecimento, que configura a extensão plena do enigma que temos de enfrentar, nos opondo ao que nos impede e barra as possibilidades de se criarem outras possibilidades, de se desenharem novas paisagens, de fazer emergir o pensamento e a acção agonística, assumindo o regresso do político como devir.

Porto, Portugal, junho de 2016

referências bibliográficas:

- APPADURAI, Arjum.** (1966) *Modernity at Large - Culture Dimensions of Globalization*. Dimensões Culturais da Globalização, Editorial Teorema (2004), tradução de Telma Costa.
- ARENDT, Hanna** (1965) *On revolution*. Sobre a revolução, Lisboa: Relógio D'Água, 2006
- BARBOSA, Ana Mae** (org) (2008). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo, Cortez Editora.
- BARRENTO, João** (2001). *A espiral vertiginosa*, Lisboa, Livros Cotovia.
- BENTO, Helena** (2016), *Internacional: Leia este texto, por favor*, in *Expresso*, 22 de maio de 2016, <http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-05-22-Leia-este-texto-por-favor>.
- BORRADORI, Giovanna** (2003). *Philosophy in a Time of Terror, Filosofia em tempo de terror - Diálogos com Jurgen Habermas e Jacques Derrida*, Porto, Campo das letras, 2004, tradução de Jorge Pinho.
- FREIRE, Paulo** (1977). *Cartas à Guiné-Bissau*, Lisboa: Moraes Editores (1978).

- FREIRE, Paulo** (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- HAN, Byung-Chul** (2010), *Mudigkeitsgesellschaft, A Sociedade do Cansaço, Relógio D'Água*, Lisboa (2014), tradução de Gilda Lopes Encarnação.
- KOHAN, Walter Omar** (2013). *El maestro inventor. Simón Rodríguez. O mestre inventor. Relatos de um viajante educador*, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, tradução de Hélia Freitas.
- LACLAU, Ernesto** (2008), *Debates Y combates: Por un novo horizonte de la política*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- NANCY, Jean-Luc** (2013). Após a Tragédia. in *Terceira Margem*, ano XVII, nº 27, janeiro. <http://www.revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/42>.
- NANCY, Jean-Luc** (2012), in *INSISTÊNCIAS DEMOCRÁTICA: ENTREVISTA COM MIGUEL ABENSOUR, JEAN-LUC NANCY & JACQUES RANCIÈRE* Realizada por Stany Grelet, Jérôme Lèbre & Sophie Wahnich (Traduzido do francês por Vinícius Nicastro Honesko), in *Princípios, Revista Filosófica*, junho/novembro de 2012.
- PERNIOLA, Mário** (1990). *Enigmi: il momento egizio nella società e nell'arte. Enigmas: egípcio, barroco e neo-barroco na sociedade e na arte*. Chapecó, Br, Unochapecó, tradução editora Argos.
- READINGS, Bill** (1996). *The University in Ruins. A Universidade em Ruínas*. Editora Angelus Novus, Coimbra (2003).
- ZACCARA, Madalena** (2016). *A viagem de volta: Ações do Movimento Intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa*. Porto e Recife: Mais Leituras, i2ADS/FBAUP e UFPE.